



## A RESISTÊNCIA ESTUDANTIL AO PROJETO DE REFORMA DO ENSINO MÉDIO: AS REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA ESCRITA

**Amanda Beatriz Silva de Godoi<sup>1</sup> (IC), Veralúcia Pinheiro<sup>2</sup> (PQ)**  
**e-mail: godoiamanda2016@gmail.com**

Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis

### Resumo:

A Medida Provisória (MP) 746/2016 que prevê a reestruturação do Ensino Médio no Brasil, e a Proposta de Emenda Constitucional PEC (241) foram alvos de protestos protagonizados por estudantes em 2016 que se manifestaram ocupando escolas públicas. Considerando a importância dessa ação, a questão que norteou nossa pesquisa que aqui apresentamos em forma de artigo é: tendo em vista o movimento de ocupação das escolas pelos estudantes contrários a proposta governamental de reforma do ensino médio, quais são as representações deste movimento na mídia escrita? Portanto, nosso objetivo é conhecer essas representações produzidas pela mídia escrita assim como seu fundamento social. O período de abrangência desta investigação foi o ano de 2016, ano em que ocorreram as ocupações das escolas públicas contra a reforma do ensino médio. Do ponto de vista metodológico, adotamos a pesquisa qualitativa, a qual abarcou a leitura de obras sobre a temática dos movimentos sociais e das representações, e também a consulta aos sites tanto dos grandes jornais, quanto àqueles vinculados às mídias alternativas. Nosso ponto de partida foram as buscas no Google por meio da seleção de palavras-chave, tais como Ocupação de escolas públicas; Protesto de estudantes; Reforma do Ensino Médio.

Palavras-chave: Reforma do Ensino Médio. Ocupações de Escolas Públicas. Resistência Estudantil. Luta Secundarista.

### Introdução

Neste artigo discutimos a questão das representações da mídia escrita sobre as lutas estudantis contra o projeto de reforma do Ensino médio. A partir da consulta a autores que investigam a educação na contemporaneidade, procuramos compreender o fenômeno da educação no atual contexto histórico. Já em relação ao

#### REALIZAÇÃO



fenômeno do discurso e das representações buscamos respaldo teórico em autores como Bakhtin (1990); Viana (2008); Gohn (2012) dentre outros.

Os protestos realizados por estudantes secundaristas da rede básica de educação em forma de ocupação de escolas que aconteceram no ano de 2016 em âmbito nacional, se deram contra a Medida Provisória (MP) 746/2016 que prevê a reestruturação do Ensino Médio encaminhada pelo governo federal ao Congresso Nacional, no dia 22 de setembro de 2016, e a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 que limita o aumento dos gastos públicos.

Levando em consideração a importância dessa tomada de posição dos estudantes secundaristas de todo o Brasil, nos propomos na pesquisa a responder a seguinte questão: tendo em vista o movimento de ocupação das escolas pelos estudantes contrários a proposta governamental de reforma do ensino médio, quais às representações deste movimento na mídia escrita? Para isso, foi necessário que considerássemos que os discursos jornalísticos não são neutros, ao contrário, são produzidos socialmente. De modo que, conforme explica Mikhail Bakhtin (1990) a palavra é repleta de conteúdo em seu sentido ideológico ou vivencial, sendo impossível separar a língua em seu uso prático de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida.

Sobre a representação dos estudantes na mídia, acreditamos que as representações sociais devem ser estudadas envolvendo o afetivo, o social e mental para assim, apreendermos a cognição referente à linguagem e à comunicação, considerando as intervenções em meio à realidade social, material e ideal. Portanto, concordamos com Jodelet (2015), a qual considera que a representação social possui com seu objeto uma relação simbólica, de interpretação, e de significações. Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito.

## Material e Métodos

De acordo com Minayo (2002), a pesquisa qualitativa visa analisar as representações sociais e os significados que os sujeitos envolvidos no processo de





investigação, atribuem à complexa rede de relações que configuram o objeto de estudo. Nesse sentido, a investigação realizada requereu pesquisas bibliográfica e documental. Quanto à pesquisa bibliográfica, esta abarcou o estudo de livros, e artigos selecionados em periódicos científicos, os quais foram devidamente resenhados.

A pesquisa documental ocorreu por meio da consulta e análise das notícias divulgadas na mídia escrita (disponíveis *online*) referente ao movimento de ocupação das escolas públicas em diferentes regiões do país, durante o período de 2016 em protesto contra o projeto do Ministério da Educação (MEC), de reforma do ensino médio. Para isso selecionamos durante os meses de agosto e outubro de 2017, quinze matérias que foram analisadas na segunda etapa da pesquisa.

Também buscamos informações institucionais sobre os jornais que se destacaram no processo de divulgação do movimento de ocupação das escolas públicas; sobre os jornalistas (autores das matérias) selecionados pela pesquisa.

Adotamos a análise de conteúdo a fim de explicar criticamente, o significado do discurso adotado pelos jornalistas juntamente com as informações sobre as instituições (jornais ou sites), seus diretores/proprietários e demais envolvidos. Esta análise se deu de modo articulado com o referencial teórico.

## Resultados e Discussão

O estudo da obra de Viana (2008) nos ofereceu uma análise histórica do fenômeno “representação social”, termo que ele substitui por “representações cotidianas”. Para o autor as representações cotidianas são uma manifestação moderna do termo senso-comum.

De acordo com Viana (2008), tanto Moscovici quanto outros pesquisadores que trabalham com o termo representações sociais, se referem a formas de consciência que geralmente são chamadas de populares ou senso comum. As representações sociais se constituem como teorias, ciências coletivas, elas fazem parte de um universo consensual e buscam formar comportamentos, e orientar a comunicação, para desta forma tornar familiar e presente o que é estranho e



ausente. Dessa forma concordamos com Viana (2008, p.50) ao dizer que “o que é dito nas representações sociais, busca confirmar as crenças e interpretações estabelecidas, reforçando as tradições”.

Sobre a categoria movimento, esta se refere a deslocamento, seja no tempo e/ou espaço. Mas para uma categoria ser transformada em conceito, é necessário que ela se una com algo real, concreto, dessa forma Viana (2016, p.23) defende a necessidade de

acrescentamos um outro termo complementar , que é o termo “social”, pois assim passamos a nos referir a algo existente realmente e não apenas uma ferramenta intelectual. Em outras palavras a categoria movimento acompanhada do conceito “social” o transforma, também em um conceito. Movimento social é o movimento de um grupo social. Esse movimento é um deslocamento do grupo social, gerando alterações do mesmo.

Viana (2016) adota a ideia de Jensen sobre o conceito de grupo social, em que ele se refere á um conjunto de indivíduos que possuem aspectos em comum, tais como cultura, projeto político, constituição física, demandas sociais ou outros.

De acordo com Viana (2016) as ações de um movimento social somente são desencadeadas a partir de uma situação social específica, como necessidades não atendidas, opressão descontentamento com a sociedade etc, de modo que, é preciso que o grupo social que se apresenta como os sujeitos desta ação tenha um objetivo e realize mobilizações para que ocorra um movimento social.

Concordamos com Gohn (2012) na apresentação da 8ª edição de seu livro Movimentos Sociais e Educação, no que tange as formas inauguradas após os anos de 1990 pelos movimentos sociais de promoverem seus atos usando redes sociais, segundo ela:

Predominam, nos movimentos sociais, manifestações, marchas e ocupações promovidas por coletivos organizados que convidam outros participantes *on line*, via redes sociais como Facebook, Linkdeen, MSN, Twitter, tablets, blogs etc. A participação nos eventos acontece via agregação de *ad hoc*. (GOHN, 2012, p.10)

Se por um lado, a nova conjuntura inaugurada pelos anos 1990 reflete nas pedagogias alternativas, que se volta para a organização e desenvolvimento da consciência social, por outro, as novidades do século XXI no campo da comunicação



acarretam mudanças nas formas de propagação e organização dos movimentos sociais, de modo que, formas de participação *on line* dos movimentos sociais convivem com formas de participação direta em associações civis, onde se envolvem com oficinas, projetos sociais, entre outros.

Segundo Gohn (2012, p. 12) o século XXI no Brasil testemunha o surgimento de novos movimentos sociais, assim como a retomada de interesse dos pesquisadores pela temática. A autora denomina estes novos movimentos sociais de os movimentos sociais atuais, inclusive os movimentos protagonizados por estudantes. Segundo ela, enquanto no Chile, “os estudantes lutam e mobilizam a população pela educação; no Brasil, escolas de ensino fundamental fazem greves que duram mais de cem dias e entram em confronto com a polícia.”

Ora, as ocupações de escolas em protestos que aconteceram em 2016, mesmo podendo ser caracterizados como uma forma diferente de protestos, muitas vezes a abordagem da mídia continuou a representar os estudantes a partir de estereótipos ou mesmo com descaso frente à abrangência do movimento. Para a Agência Brasil,

Mais de mil escolas e outros espaços estão ocupados em todo país por estudantes, de acordo com balanço divulgado pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes). Ao todo, segundo a entidade, são 995 escolas e institutos federais, 73 *campi* universitários, três núcleos regionais de Educação, além da Câmara Municipal de Guarulhos, o que totaliza 1.072 locais. (TOKARNIA, 2016)

A repórter da Agência Brasil também chama atenção para o fato de não haver um balanço oficial sobre o número de ocupações, de forma que existem controvérsias sobre os números, pois os alunos secundaristas de escolas ocupadas alegam um número, enquanto os polícias afirmam outro.

Estes protestos que ocorreram em 2016 foram no mesmo ano, cunhado pela imprensa de Primavera Secundaria, pois “essa onda no ano passado, também havia chegado a dezenas de instituições públicas de ensino em São Paulo. Na ocasião, o movimento foi tido como exemplar, longe de radicalismos e de atos de vandalismo e os estudantes saíram vitoriosos”. (PEREZ, 2016, s/p)





O movimento regional que aconteceu em São Paulo no ano de 2015, citado por Perez (2016), aconteceu basicamente quando estudantes se organizaram para protestar contra a reorganização dos ciclos de ensino que o governo de Geraldo Alckmin (PSDB) havia anunciado. Em uma matéria explicativa Leandro Machado, repórter da Folha de São Paulo explica alguns aspectos sobre o plano de ação dos estudantes, sua organização, incluindo minicursos e oficinas que aconteceram nas ocupações.

Segundo Machado (2015) a cartilha “Como Ocupar um Colégio” começou a circular entre os estudantes que já realizavam protestos contra esta reorganização no final de Outubro. A cartilha teve a função de um manual, sendo ela,

uma compilação de dicas de estudantes chilenos e argentinos sobre como entrar em um colégio público e nele permanecer, em forma de protesto. O documento foi inspirado, principalmente, em movimento de secundaristas chilenos que ocuparam mais de 700 escolas em 2011, em protesto por passe livre e melhorias na educação pública. As ações ocorreram cinco anos após a chamada “revolta dos pinguins”, referência ao uniforme das escolas do país. (MACHADO, 2015, s/p)

Os estudantes secundaristas que ocuparam escolas em 2016 se inspiraram e aprenderam com os estudantes secundaristas de São Paulo em 2015, que também aprenderam a organizar a ocupação de suas escolas como forma de protesto com outros estudantes secundaristas da América Latina, que já haviam protagonizado ações em momentos anteriores.

Na emblemática matéria “Ocupação e Morte”, Perez (2016), nos informa que no Colégio Estadual Felicidade em Curitiba/PR, embora os estudantes lutassem contra a reforma do Ensino Médio e a PEC 241 como em diversos outros locais, a morte do estudante Lucas Eduardo Mota de 16 anos, elevou o grau das polemicas em relação ao próprio movimento. Desse modo, Perez em sua matéria ouve as explicações do Coletivo de Advogados pela Democracia que apoiou jurídica e politicamente o movimento. Segundo este coletivo, representado pela advogada Tânia Mandarino,

O crime nada tem a ver com o movimento de ocupações. Lucas e seu algoz participavam somente de algumas atividades, não dormiam na escola e nem eram tão engajados quanto o restante do grupo. Também não discutiam sobre posições políticas divergentes ou algo do gênero. Infelizmente, os dois foram protagonistas de uma situação cujo desfecho é conhecido,



principalmente nos centros urbanos: o acesso dos jovens a drogas e as consequências devastadoras que podem advir dessa equação. (MANDARINO apud PEREZ, 2016, s/p)

Apesar de o crime não possuir ligações efetivas com o movimento de ocupações como foi esclarecido pela advogada, à morte de Lucas foi usada por autoridades na tentativa de desmoralizar o movimento de ocupações no Paraná. Nesse sentido, o governador do Estado Beto Richa (PSDB) apelou para a desocupação das escolas por meio de nota, enquanto o secretário de segurança, Wagner Mesquita atacava pais e professores que apoiavam o movimento.

Assim como em todo o Brasil, a resistência dos estudantes no Paraná foi prejudicada pela proximidade do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). Porém, o discurso da estudante secundarista do colégio Senador Manoel Alencar Guimaraes, Ana Júlia Ribeiro, na tribuna da Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP) se tornou símbolo da luta dos estudantes. A defesa de Ana Júlia em relação à legitimidade das ocupações se realizou a partir de argumentos sólidos, tais como, o fato de que a escola pertence à comunidade escolar e não a burocracia estatal. Além disso, a estudante citou a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), para lembrar aos Senhores Deputados de quem é a responsabilidade pela segurança e bem estar dos estudantes.

A brevidade com que o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN aborda o assunto referente às ocupações de escolas esclarece a opção política de seus burocratas. A matéria divulgada pela entidade é sucinta, pouco esclarecedora. De modo que, apesar da afirmação sobre o apoio aos secundaristas do Paraná, sequer apresenta a rotina dos alunos, enquanto enfatizam a questão da reintegração de posse das escolas.

Em “Estudantes relatam rotina de pressão contra ocupação de escolas” Calderia (2016, s/p) reproduz as entrevistas de Vasconcelos com os estudantes, que relatam detalhadamente suas rotinas nas ocupações, como diz a estudante Maria<sup>1</sup>.

Há a questão de limpeza, arrumação, comer e tapar as panelas, horário de comer e de dormir. Adolescente é meio difícil, quer ficar direto no celular, mas a gente tem um horário de dormir porque tem de acordar cedo”, diz

---

<sup>1</sup> Nome fictício.



Maria. Ela conta que na escola há distribuição de leite do governo para a população e eles têm de abrir o portão para o rapaz que faz a entrega e para os funcionários responsáveis pela distribuição. (VASCONCELOS,2016)

A autora comenta que os alunos envolvidos nas ocupações de escolas, precisam estabelecer uma rotina rígida, pois eles devem cuidar de toda manutenção da escola, realizando as tarefas de limpeza, arrumação, cozinhando seus próprios alimentos, respeitando o horário de dormir, além de organizarem palestras e debaterem sobre os motivos de sua ação. No entanto, em geral os meios de comunicação deixam esses pontos de lado. De modo que, as representações podem também ser retratadas naquilo que não se diz, ou melhor, no silêncio dos jornalistas a respeito dos aspectos positivos dessa luta.

As diferenças nas abordagens referentes ao mesmo tema são grandes, desde jornalistas que levam em consideração a experiência dos alunos dentro das ocupações e os entrevistam, a matérias que apenas superficialmente relatam o movimento, suas causas a partir de elementos discursivos a respeito do tema costumeiramente reproduzido pela mídia e que constituem o senso-comum sobre os movimentos sociais.

## Considerações Finais

As matérias retiradas dos sites de notícias utilizadas para realização deste trabalho confirmaram um dos pressupostos do projeto de pesquisa referente ao nosso tema, o qual consiste em afirmar que o fundamento dos discursos jornalísticos sobre o movimento de ocupação das escolas são as representações sociais entremeadas com elementos advindos de ideologias produzidas no interior de uma determinada relação de poder vigente na sociedade.

Por isso, são fundamentais para nossa investigação, as matérias que trazem entrevistas com alunos realizadas durante o movimento de ocupação de escolas, pois estas apresentam além da opinião do jornalista e das instituições a que ele pertence, a opinião dos próprios alunos. Ora, todo e qualquer discurso busca convencer os receptores da mensagem do ponto de vista do emissor, por isso é importante que possamos em uma mesma matéria ter contato com esses dois



discursos, o do entrevistado e o do entrevistador. No entanto, o poder do jornalista, ou melhor, do entrevistador em relação ao estudante entrevistado é visivelmente superior. Inclusive o poder de editar, cortar etc.

No entanto, não podemos desconsiderar as matérias jornalísticas que não trazem reportagens com os secundaristas, pois estas também nos dizem muito, desconsiderando a capacidade dos alunos que protestam de falar, ou seja, de compreender e defender o próprio movimento que protagonizam.

## Agradecimentos

Agradeço ao CNPQ pela concessão da bolsa que permitiu minha participação no Programa de Iniciação Científica, e minha dedicação à pesquisa.

Agradeço a Profa. Veralúcia Pinheiro pelos incentivos e orientações.

## Referências

ANDES-SN - Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - **Cresce a ocupação de escolas contra a MP da reforma do ensino médio.** Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=8409>> Acesso em 02 de outubro de 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução: Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16ª. Edição, São Paulo: Hucitec, 2014.

CALDEIRA, João Paulo. **Estudantes relatam rotina e pressão contra ocupações de escolas.** 2016. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/estudantes-relatamrotina-e-pressao-contra-ocupacoes-de-escolas>. Acesso em 16 de outubro de 2017.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação.** São Paulo, SP: Cortez, 2012.

JODELET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais.** São Paulo: Vozes.  
MACHADO, Leandro. **Inspirado no Chile, manual orientou ocupação de escolas por alunos em SP.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1710710-inspirado-no-chile-manual-orientou-ocupacao-de-escolas-por-alunos-em-sp.shtml>>. Acesso em 10 de Outubro de 2017.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PEREZ, Fabíola. **Ocupação e Morte**. 2016. Disponível em: <http://istoe.com.br/ocupacao-e-morte/>. Acesso em 02 de outubro de 2017.

TOKARNIA, Mariana. **Mais de mil escolas do país estão ocupadas em protesto; entenda o movimento**. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/mais-de-mil-escolas-do-pais-estao-ocupadas-em-protesto-entenda-o-movimento> Acesso em: 17 de setembro de 2017.

VIANA, Nildo. **Os Movimentos Sociais**. Curitiba, SC: Prismas, 2016.

VIANA, Nildo. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Bauru, SP: EDUSC, 2008.